

PALESTINA A CONTRAPELO: Lina Meruane e Joe Sacco

Amanda Lacerda de Lacerda

07 de dezembro de 2023

O conflito entre palestinos e israelenses remonta ao final do século XIX e está ligado, principalmente, à disputa de um território. O dia 07 de outubro deste ano abriu mais um capítulo nesta história, quando o Hamas deu início a uma articulada ofensiva desde a Faixa de Gaza contra alvos estratégicos em Israel. Analistas internacionais já nomeiam o conflito como a “Terceira Intifada”¹, tomando como referência os levantes populares palestinos de 1987 e 2000 contra as ocupações, os *checkpoints*, os muros, arames farpados, prisões arbitrárias, entre tantas violências físicas e simbólicas sofridas, especialmente, desde 1948, quando a ONU decretou a criação do estado de Israel.

No Brasil, e em outras partes do mundo, foram convocadas manifestações de rua e universidades e movimentos sociais publicaram cartas de repúdio ao conflito, condenando a política colonial israelense. A esta guerra aberta, sucederam manifestações culturais diversas, em que o Ocidente demonstrou sua tomada de posição. A escritora Adania Shibli, autora palestina do livro *Detalhe menor*², bastante elogiado pela crítica internacional, deixou de ser a escritora homenageada na feira do livro de Frankfurt. Nas redes sociais, circulou amplamente um vídeo em que a cantora pop israelense Narkis canta com soldados o refrão: “Acabem com Gaza” e pede a restauração de Gush Katif, um bloco de assentamentos ilegais na Faixa de Gaza³.

Edward Said, palestino exilado nos Estados Unidos, e uma das mais importantes referências no campo dos estudos culturais sobre as relações entre Ocidente e Oriente Médio, escreveu *A questão palestina* em 1977 e a discussão que propõe segue atualizada. O acirramento da violência do projeto sionista demonstra que: “Israel, assim como seus defensores, tentou obliterar os palestinos com palavras e ações, porque o Estado judeu constrói-se de muitas maneiras (mas não todas) sobre a negação da Palestina e dos

¹ “ Hamas-Israel escalation: What we know so far, and whether it could lead to the Third Intifada”, Arjun Segunpta” (08/10/2023). Disponível em: <https://indianexpress.com/article/explained/explained-global/third-intifada-hamas-israel-escalation-8972498/>.

² Publicado no Brasil pela Editora Todavia, em 2021, com tradução de Safa Jubran.

³ Publicado no IG do Instagram “Monitor do Oriente” (06/11/2023). Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CzTyfvauTX3/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFlZA==.

palestinos”⁴. Em 22 de setembro deste ano, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu destacou em seu discurso, na Assembleia Geral da ONU, os promissores acordos de paz entre Israel e Arábia Saudita, ilustrando sua fala com um mapa do que chamou de “Novo Oriente Médio”. Esta imagem foi um dos motes do ensaio escrito por Salem Nasser, professor de Direito Internacional, que se mostra bastante cético a respeito da “solução de dois Estados” que ainda habita a mídia internacional:

A solução de dois Estados está morta há muito tempo [...]. Nesta fase, quem ainda fala da solução acordada internacionalmente, de dois Estados vivendo lado a lado, em paz, ou está tentando ignorar a realidade para não lidar com ela, ou é cúmplice do projeto israelense de estabelecer um Grande Israel (aliás, se alguém não acredita que tal projeto exista, basta olhar para o mapa do Novo Oriente Médio apresentado por Netanyahu perante a Assembleia Geral da ONU há poucos dias)⁵

A negação da existência do povo palestino tem se mostrado um procedimento fundamental do movimento sionista, desde 1948. Para Said, a conjuntura no Oriente Médio os favorece e é apenas após os Acordos de Camp David, que os palestinos são “descobertos” pelo mundo. A mídia ocidental exerce papel medular neste apagamento sistemático, recorrendo à solução de dois estados, como já mencionamos, mas também, especialmente, ao estereótipo do “terrorista árabe”. Mesmo movimentos pacíficos, como o BDS – boicote, desinvestimento e sanções⁶, seguem sendo descredibilizados pela comunidade internacional sob a justificativa de antissemitismo.

O modo como o Ocidente acessa informações sobre a ocupação na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, entre outras dinâmicas do conflito, está inevitavelmente tingida por essa convivência internacional com o projeto colonial israelense. As redes sociais, como Facebook, Instagram ou TikTok, poderiam dinamizar a fonte e o acesso aos fatos, mas seguem sendo propriedade de bilionários estadunidenses e operando na lógica dos

⁴ SAID, 2012, p. 47.

⁵ “Palestina #3: uma perspectiva diferente”, *newsletter* do autor (09/10/2023). Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/denuncias/federacao-arabe-palestina-do-brasil-denuncia-em-plena-assembleia-geral-da-onu-netanyahu-apagou-a-palestina-do-mapa.html>. “Cegueira seletiva” é o nome dado pelo professor para os textos semanalmente divulgados em sua *newsletter*.

⁶ Campanha global, criada em 2005, que preconiza a prática de boicote econômico, acadêmico, cultural e político ao estado de Israel, com os seguintes objetivos: fim da ocupação e da colonização dos territórios palestinos, igualdade de direitos para os cidadãos árabes de Israel e respeito ao direito de retorno dos refugiados palestinos.

algoritmos, que buscam engajamento acrítico⁷ e, portanto, reforçam preconceitos já existentes. Sobre este cenário, afirma Nasser:

[...] estou convencido de que o que lemos, vemos e ouvimos poderia ser classificado como ficção, sem muito esforço. Se prestarmos atenção, ficam claros os limites dentro dos quais a narrativa deve estar contida: a história começou no dia 7 de outubro; nada de ruim estava acontecendo antes, especialmente com os palestinos; O Hamas é um grupo terrorista que, sem provocação, atacou civis; tudo que Israel está fazendo é apenas uma resposta e um esforço para eliminar os terroristas e o mal - é claro que serão encontradas pequenas variações, mas a ideia é a mesma. [...]⁸

O autor nomeia como “ficção” o que é parte da estratégia político, social e midiática do Ocidente no apagamento da existência dos palestinos. *Palestina: uma nação ocupada*, de Joe Sacco e *Tornar-se palestina*, de Lina Meruane são obras que, por meio de linguagens e recursos diversos, atravessam a questão da Palestina, produzindo discursos novos e independentes da estratégia citada. Sobre estas obras nos debruçaremos neste texto. Formas outras de registrar e narrar este conflito são urgentes, vejamos o que a dimensão subjetiva destes narradores, um estrangeiro e uma descendente, pode nos revelar.

Pensadores contemporâneos tem se voltado para a questão palestina no sentido de reafirmar que se trata de um projeto colonial, de gestão da morte a partir do uso da força e do apagamento sistemáticos. O filósofo camaronês Achille Mbembe, em diálogo com Foucault, conceitua o necropoder, que compreende a lógica da guerra como prática do estado neoliberal para justificar o uso de dispositivos de poder em nome da integridade coletiva. O terror torna-se componente necessário do político e a soberania de um povo se estabelece com base no direito de matar. O colonialismo e o apartheid, muito antes do Estado nazista, constituem as bases do necropoder, que requer uma conjuntura em que se ligam o estado de exceção – a partir de um inimigo fictício que justifique a suspensão da lei - e o estado de sítio - que garante a legitimidade do direito de matar. Segundo Mbembe,

⁷ Conflito Israel X Hamas: como algoritmos do TikTok e de outras redes sociais radicalizam opinião pública”, Marianna Spring (28/11/2023). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1w297e7w8qo>

⁸ Ver nota 5.

“A forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina”⁹.

Compreendemos que as obras de Meruane e Sacco se estruturam a partir de relatos testemunhais, diretos e indiretos, que enfrentam as estratégias negacionistas do colonialismo israelense. Lidas como expressões estéticas da experiência da e na Palestina, promovem uma representação de desvelamento de indivíduos e grupos, na contracorrente do dispositivo colonial de criação de um “outro” passível de aniquilação. A memória, o esquecimento e as camadas que se imbricam nesse decurso são faculdades essenciais no processo de constituição da autoimagem de grupos, culturas e nações. Acerca da questão palestina, “Devemos pensar o negacionismo associado tanto às políticas de apagamento da memória (sem as quais as nações não se constroem) como também como um aliado sempre presente em políticas de massacres e de genocídios [...]”¹⁰.

Em *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, a filósofa estadunidense, de origem judaica, Judith Butler reúne ensaios escritos entre 2004 e 2008, motivados pelas guerras promovidas na gestão de George Bush, mas as reflexões que propõe não se limitam a esse regime. “O corpo está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade – incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo -, que tornam a subsistência e a prosperidade de corpos possíveis.”¹¹ Segunda a autora, aprendemos que algumas vidas são passíveis de luto e outras não por meio de “enquadramentos”.

No caso do conflito entre Israel e Palestina, recursos políticos e culturais atuam para que nesse enquadramento, apenas as vidas dos judeus israelenses sejam reconhecidas como valores e subjetividades perdidos. O modo de enquadrar esses valores é, portanto, uma operação de poder. Atuar de maneira crítica é enquadrar o enquadramento, possibilitando novas condições para reconhecer outros como sujeitos. Reconhecimento é ato, prática, cena entre sujeitos.

A reportagem em quadrinhos *Palestina: uma nação ocupada*¹², do jornalista maltês Joe Sacco, teve sua primeira edição em 1993. As nove publicações em que Sacco

⁹ MBEMBE, 2018, p. 41.

¹⁰ SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 17.

¹¹ BUTLER, 2015, p. 16.

¹² Neste ensaio, escolhemos, como recorte de leitura, a primeira edição publicada no Brasil, em 2000.

narra suas experiências por um período de cerca de dois meses na Palestina ganharam uma edição completa, neste ano, pela editora Veneta. Em entrevista¹³ concedida à socióloga Sabrina Fernandes, por ocasião do relançamento, o autor comenta que, nos últimos trinta anos que separam a primeira e a edição completa, dois aspectos fundamentais sobre o conflito sofreram significativa mudança: as formas de obtenção de informações se ampliaram (por meio de mídia social, internet e o canal de televisão árabe Al Jazeera) e a escalada da violência atingiu níveis ainda mais brutais, reforçando o caráter “existencial” da luta palestina.

O autor comenta ainda que a imagem e a voz dos palestinos é refratada pelo Ocidente, e que foi imprescindível aceitar a hospitalidade nos diversos lugares por onde passou para encontrar assim formas de dialogar com eles sem ignorar seus traumas ou os interrogar como majoritariamente o faz a mídia ocidental: “Porque você faz isso?” ou “Você condena isso?”, estigmatizando o conflito e os atos de resistência.

Em seu percurso jornalístico *outsider*, ou seja, um jornalista do Ocidente, sem vínculos familiares ou pessoais com a região, Sacco foi visto pelos palestinos como uma projeção do mundo exterior e por vezes interrogado de maneiras contraditórias. Alguns questionavam que diferença faria que ele contasse algo sobre a Palestina, enquanto outros explicitamente pediam-lhe que contasse as histórias das violências que sofreram para outros interlocutores e para além daquele território (imagem 1)¹⁴.

Joe Sacco está “fora” da experiência palestina, mas ao partir em direção a esse território como jornalista em busca de relatos para uma reportagem, se coloca “dentro” dela por meio da escuta de testemunhos. Esta inserção não é neutra e se apresenta por meio da própria linguagem da HQ. Em diversas passagens, o jornalista está presente (imageticamente desenhado) nos episódios, mas quando passamos à leitura dos relatos, é comum que as personagens narradoras se dirijam a um interlocutor, nós leitores, e a figura de Sacco desapareça. Essa escolha estética permite validar o protagonismo do testemunho e inserir o leitor no processo de escuta.

A linguagem multimodal, inerente à forma das HQ's, conjuga texto e imagem na criação de um ambiente. As histórias recolhidas pelo jornalista, e recontadas por meio dessa linguagem, atribuem rosto e voz aos palestinos que o acolheram para testemunhar suas experiências de trauma. Também é característico ao longo da obra, a presença de

¹³ “Sabrina Fernandes entrevista Joe Sacco | Palestina” (06/11/2023). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1CJCRmuk6aw>.

¹⁴ Imagens disponíveis ao final do texto, no “Apêndice”.

trechos bastante didáticos, que contextualizam eventos históricos significativos a partir de 1948, mas também destacam manifestações culturais que oscilam entre o orientalismo (como um filme de Chuck Norris que passa na televisão aberta) e as interpretações de Umm Kulthum, cantora e compositora egípcia bastante representativa da cultura árabe (imagem 2).

O recurso da página dupla também merece destaque, pois funciona, em alguns casos, como espelhamento da condição de palestinos e judeus, sem recair no argumento de que há “dois lados” em disputa. Desse modo, o autor não encobre a assimetria de recursos militares e de apoio internacional que estabelece um hiato entre as condições de existência de palestinos e israelenses (imagem 3).

As prisões arbitrárias e as formas de tortura são amplamente descritas nos testemunhos recolhidos por Sacco. No caso das experiências de encarceramento, fica estabelecida uma vivência partilhada, de dores e ressignificações comuns. A abertura do capítulo quatro ocorre com a seguinte passagem: um pai orienta que a filha mais nova cumprimente adequadamente o visitante, Joe Sacco, e diga seu nome. A menina se chama Ansar, assim como uma das maiores prisões israelenses, com cerca de seis mil detentos em 1991 (imagem 4). No trecho reproduzido abaixo (imagem 5), texto e imagem compõem não uma banalização da violência, mas a criação e a manutenção de momentos de partilha como cerne da resistência cotidiana:

Agora estão todos contando histórias sobre soldados e prisões. Firas diz que os soldados o balearam há dois anos e suas pernas ainda não estão boas. Ahmed diz que os soldados invadiram sua casa à meia-noite, derrubaram a porta, vieram pelo telhado, destruíram os móveis e o pegaram. Ele tinha dezesseis anos. “Três anos na cadeia, por quê?” Pergunto eu. “Por ter atirado um coquetel molotov”, diz ele. “E eu nem vi onde caiu”. Todos começam a rir”.¹⁵

O mérito de *Palestina: uma nação ocupada*, é o modo como representa o povo palestino e seus modos de responder à ocupação. Eles deixam de ser exclusivamente as vítimas e valorizam-se os atos de resistência (dos mais cotidianos aos mais politicamente articulados), demonstrando que possuem agência sobre as próprias vidas. Os dissabores, as perdas materiais e simbólicas, o chá servido com bastante açúcar, as crianças que nascem, os amores que terminam, entre outras imagens que compõem a HQ, são presença humanizadora da cultura e da existência palestina.

¹⁵ SACCO, 2000, p. 44.

Na conclusão do capítulo “Oceano”, Sacco e o fotógrafo japonês Saburo (que o acompanha em algumas incursões) acompanham o testemunho de um homem que perdeu o irmão e o primo, ambos baleados por soldados israelenses ao observarem uma manifestação de cima de um telhado. Ao final, a família oferece à Saburo uma foto dos dois jovens mortos. Durante o caminho de volta para a hospedagem, Saburo entrega a foto ao colega, prefere não ficar com ela, é “pesado demais”. Sacco a aceita enquanto pensa “são os rostos que importam” (imagem 6).

Atualmente, as reportagens em HQ e as *graphic novels*¹⁶ tem ganhado cada vez mais leitores e espaço no mercado editorial como forma de denúncia e representação de violências contra povos marginalizados, segundo Sacco¹⁷: o livro foi publicado numa época em que HQ’s não eram “levadas a sério” como forma de denúncia jornalística, isso facilitou sua circulação e evitou (ao menos temporariamente) que fosse descredibilizada com base no falso argumento sobre antissemitismo.

Lina Meruane nasceu no Chile, em 1970 e vive nos EUA, onde atua como professora de cultura latino-americana e escritura criativa na Universidade de Nova York. Tem diversos livros de ficção e não ficção publicados e recebeu diversos prêmios, entre eles o Sor Juana Inés de la Cruz (México, 2012). O livro *Tornar-se palestina* foi publicado no Brasil em 2019 e ganhou boa repercussão crítica. Abaixo um comentário do escritor Milton Hatoum sobre a obra:

A meu ver, esse belíssimo ensaio da autora chilena transcende o sofrimento e a humilhação dos palestinos, e aponta para algo mais geral: o poder de uma potência ocupante e sua prática infinitamente cruel exercida contra os colonizados. Por uma trágica ironia, Meruane termina seu livro com uma nota de pesar e protesto contra outro genocídio em Gaza, ocorrido há quase 10 anos.¹⁸

Mais um genocídio em Gaza segue em marcha. A transcendência do ensaio de Meruane aponta para o aspecto mais geral do processo de colonização israelense e sua

¹⁶ Neste sentido, ganharam destaque as publicações estrangeiras *Maus: a história de um sobrevivente* (Art Spiegelman, 2005), *Persépolis* (Marjane Sartrapi, 2007) e, mais recente, tematizando questões como o racismo e a luta de classes no Brasil, as publicações *Angola Janga* (Marcelo D’Saete, 2021) e *Os santos* (Leandro Assis e Triscila Oliveira, 2023), entre outras.

¹⁷ Ver nota 13.

¹⁸ Publicado no IG do Instagram do autor (13/10/2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyV9ZQyLrsx/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==.

perpetuação, mas também para a herança individual e coletiva do deslocamento forçado. No Chile está situada a maior comunidade palestina fora do mundo árabe, Lina Meruane é filha de um refugiado palestino.

O ensaio *Tornar-se palestina* foi escrito ao longo de 2013 e é composto de breves fragmentos reunidos em três capítulos. A autora/escritora/narradora percorre um caminho de descoberta sobre sua herança familiar ao recolher imagens de situações que convergem para a busca de um enraizamento com suas origens. O desenvolvimento do texto realiza um movimento de trânsito que se inicia, em especial, a partir da imagem da casa como metáfora dos espaços mais íntimos e de acolhida: a casa da infância em Santiago, a casa da infância do pai, no interior do Chile, a casa da família que ainda habita a Palestina e que receberá uma visita da narradora...

A este sucedem os fragmentos sobre viagens a trabalho e a vida como professora universitária nos Estados Unidos, passagens cotidianas que estão atravessadas por essa busca do enraizamento. No primeiro fragmento do capítulo dois, a cena é a de um taxista de origem árabe que a interpela dizendo: “a senhora é uma palestina, a senhora é uma exilada. Não conhece sua terra?, ele diz sem pausa e com surpresa, mas sem recriminação”¹⁹. É a partir da afirmação do outro, que se vê como igual, que se inicia a escuta d’“O chamado palestino”, como fica intitulado o capítulo.

Ao atender o chamado, os fragmentos do terceiro capítulo narram as experiências vividas neste “retorno”, desde os procedimentos abusivos em aeroportos e *checkpoints*, a recepção da família de amigos que a hospedam em Jafa, a visita a uma escola multicultural em Jerusalém, a presença invisível e opressiva dos colonos. Um objeto se destaca na elaboração ensaística: a chave. Presente em diversos fragmentos, a “chave girando” é vista como metáfora da diáspora palestina. Emblema do direito ao retorno, condensa a memória da existência de uma casa, uma vila, uma cidade.

Meruane parte do particular para o coletivo. As problemáticas de ser e se reconhecer como filha de um refugiado palestino fazem emergir memórias familiares que estão implicadas em buscas coletivas, ratificando uma das marcas da literatura contemporânea: a mistura/tingimento/amálgama entre indivíduo e seu grupo étnico/político/religioso. Neste sentido, se destacam as cenas que a filha quer saber mais sobre sua ascendência, mas o pai fica em silêncio, se esquiva da conversa, indicando também uma diferença geracional. Na contemporaneidade, se reafirmam as lutas políticas

¹⁹ MERUANE, 2019, p. 36.

identitárias que se alicerçam na prática discursiva do testemunho e apontam para a coletividade.

[...] é importante não esquecer que a maior comunidade de refugiados do mundo é a palestina. E que a condição de refugiados para os palestinos, e só para eles, para nós, é hereditária. É importante defender esta herança, não porque todos estejam sofrendo, mas porque foram deslocados por circunstâncias históricas. O que importa é não perder a possibilidade do retorno. Reivindicá-lo.²⁰

Nesta breve consideração de Zima - a esposa do amigo que a hospeda em Jafa -, apresenta-se um paradoxo na condição do povo palestino: a afirmação de uma nacionalidade sem um estado nação. Reivindicar o estatuto de refugiado é assumir uma compreensão política sobre as razões da diáspora. Said, em *A questão da palestina*, não recai sobre a pretensa objetividade dos estudos acadêmicos e dialoga com essa perspectiva por meio de sua experiência como exilado:

Explicar o senso que se tem de si mesmo como palestino é sentir-se pronto para uma batalha. No Ocidente, onde moro, ser palestino significa, em termos políticos, ser uma espécie de proscrito ou, na melhor das hipóteses, um intruso. Mas isso é uma realidade e, se a menciono, é somente como um meio de indicar a solidão de minha iniciativa neste livro.²¹

O título do ensaio é particularmente instigante. Originalmente escrito em espanhol, a língua materna da autora, o termo “volverse” carrega a ambiguidade do retornar e do tornar-se. Essa dubiedade sintetiza dois movimentos: um de dimensões concretas, no deslocamento até o território palestino – ainda que esse “retornar” seja compreendido na continuidade de uma herança familiar, como capta a autora no trecho “Não é retornar, mas a ideia da viagem surge com este verbo a tiracolo”²². O outro movimento possui dimensão subjetiva, quando a escritora vivencia a estada no território e realiza o processo de assumir sua identidade e, deliberadamente, “tornar-se” palestina.

As obras de Lina Meruane e Joe Sacco partem de lugares distintos no que diz respeito à relação que cada um dos autores estabelece com o povo palestino. Meruane carrega a herança genética e cultural, enquanto Sacco é um estrangeiro estabelecendo

²⁰ MERUANE, 2019, p.87.

²¹ SAID, 2012, p. 49.

²² MERUANE, 2019, p.35.

contatos improváveis e construindo imagetivamente os testemunhos que apreende. Além disso, ambos se valem de recursos diferentes para construir suas narrativas de percurso pela ocupação israelense, um ensaio e uma HQ. Em comum, ambos arquitetam contranarrativas ao *status quo* ocidental que demoniza os árabes e normaliza o empreendimento colonial gerido por Israel. Uma distância temporal significativa separa os dois textos, Sacco empreende sua viagem como jornalista nos anos 1990, enquanto Meruane faz sua viagem nos anos 2010. Do ponto de vista das mudanças no conflito, pouco se altera: Israel segue colonizando e contando com o apoio internacional, os palestinos seguem resistindo. Butler afirma, em texto de outubro deste ano:

Se estiver decidido que não precisamos saber quantas crianças e adolescentes palestinos foram mortos na Cisjordânia e em Gaza este ano ou durante estes anos de ocupação, se decidirem que essa informação não é importante para saber ou avaliar os ataques em Israel e os assassinatos de israelenses, então decidimos que não queremos saber da história de violência, luto e indignação vivida pelos palestinos. Só queremos saber da história de violência, luto e indignação vivida pelos israelenses.²³

A filósofa fundamenta que não apenas o território é um direito de poucos, mas também o luto e a própria existência como nação. *Palestina: uma nação ocupada e Tornar-se palestina* se constituem a contrapelo, reclamando uma postura necessária e engajada na “decisão” de que as vidas dos homens, mulheres e crianças palestinas são dignas de luto. Os autores se dirigem à Palestina e com suas obras iluminam a agência de um povo que, apesar do apagamento e da violência sistemáticos, reafirma sua existência cotidianamente lutando pelo direito básico de existir.

Referências

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Tradução Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018

MERUANE, Lina. *Tornar-se palestina*. Tradução Mariana Sanchez. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2000.

²³ “O alcance do luto”, tradução de Carla Rodrigues e Sonia Corrêa (25/10/2023). Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/10/25/judith-butler-o-alcance-do-luto/>

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Ed. Unicamp, 2022.

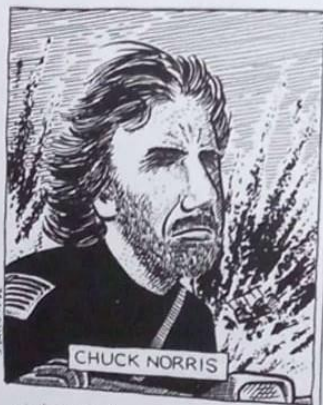
SAID, Edward. *A questão da palestina*. Tradução Sônia Midori. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

Apêndice



Imagem 1 (p. 10)

Jabril está exausto de tanto traduzir, mas a noite é uma criança e ele sente-se obrigado, eu acho, a nos entreter. Ele coloca um vídeo do filme Comando Delta, estrelado por Chuck Norris e Lee Marvin. O filme é mais ou menos baseado num seqüestro que aconteceu em meados dos anos 1980, quando um soldado americano foi morto e vários americanos foram reféns em Beirute. Os reféns foram libertados, mas, no filme, o Comando Delta resgata os reféns à la Entebbe e ainda mata vários terroristas palestinos. E, enquanto os americanos ficam unidos e corajosos contra seus raptos, os palestinos, relutantes, traem sua causa em massa quando se encontram pessoalmente em perigo. Jabril e seus irmãos assistem impassivamente, balançando a cabeça ocasionalmente quando os palestinos fogem correndo das batalhas ou são



estourados por Chuck Norris, que atira foguetes de sua moto.

Depois do vídeo, eles preparam colchões para nós no chão,

© UNRWA/Unidade de Comunicação da Agência de T.

Jabril fica com o sofá. Coloca uma fita cassette baixinho para cair no sono. Eu reconheço a voz - Oum Kouloum, a cantora egípcia que morreu anos atrás. Meu amigo Taha, no Cairo, disse que o enterro dela foi maior que o de Sadat. Ela não era muito bonita, parecia o Roy Orbison num dia ruim, mas que voz! Que performance! É obviamente



uma canção de amor... a platéia está engasgada, e eu também. Estou como a platéia, emocionado. A música não acaba mais. Jabril muda o lado da fita. A música continua.

"Que música é essa?", pergunto. "Fakarouni", responde Jabril. "Lembre-se de mim."

Jabril põe a música por sua noiva na Jordânia. Ela é palestina também, outra refugiada... Os israelenses não deixam que ela o visite porque ela não tem mais família na Palestina para conseguir um visto... E Jabril não pode ir encontrá-la. Os israelenses não deixam mais que ele saia do país. Eles o acusaram de viajar para a Síria em sua última visita à Jordânia.

Ab

Eles o acusaram de treinar para missões terroristas com a Frente Popular pela Libertação da Palestina de George Habash. Eles o acusaram de treinar para missões terroristas no Japão. No Japão?... eles vieram buscá-lo à noite e o levaram à prisão de Nablus e o interrogaram por dois meses. Eles o espancaram, impediram que dormisse, eles... "mas nós podemos falar disso um outro dia", diz ele. Amanhã ele tem que levantar cedo para trabalhar.

Quando Saburo e eu acordamos, Jabril já tinha ido embora... Para variar, estou tremendo. A água é fria demais. Essa manhã nós queremos visitar uma das escolas de Balata administradas pela Agência de Ajuda e Trabalho das Nações Unidas para os Refugiados Palestinos*... UNRWA... que atende a algumas necessidades básicas dos refugiados palestinos. Nós andamos até a escola, mas não nos deixam entrar sem autorização. Eles me colocam ao telefone com o escritório regional da UNRWA em Nablus. "Você entende, temos que tomar certas precauções", explica o cara do outro lado da linha. "Você está vendo a situação aí." Ele pode nos dar a autorização, se formos até Nablus. Tomamos um táxi até lá e o oficial da UNRWA leva-nos até seu escritório e escreve à mão uma autorização. Estamos prontos, estamos na lista de convidados da UNRWA.

No caminho para pegar um táxi de volta a Balata, Saburo fica doído e decide que quer tirar fotos da prisão de Nablus. Prisão de Nablus? Com todo aquele

"Ano que vem em Jerusalém" - no mundo todo esse é o brinde judeu na Páscoa e aqui está ele, um judeu em Sion, a terra prometida por seu Deus para o povo escolhido;



TODO LUGAR QUE AS PLANTAS DE SEUS PÉS PISAREM, EU O DEI A VOÇES, CONFORME PROMETI A MOISÉS, O TERRITÓRIO DE VOÇES IRÁ DESDE O DESERTO ATÉ O LIBANO, E DESDE O GRANDE RIO ELFRATES ATÉ O MAR MEDITERRÂNEO, NO OCIDENTE.



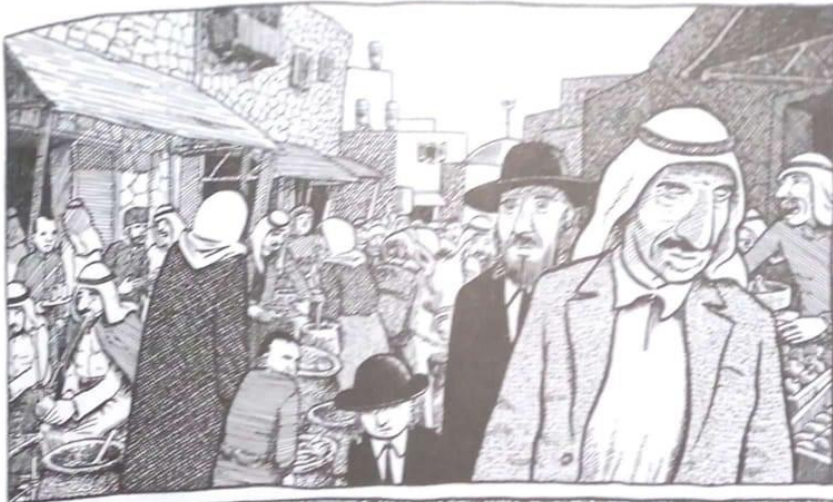
E em 1917 - depois de dois milhões de diáspora judaica - os ingleses tiraram o pé da promessa do Senhor. A Grã-Bretanha tinha Grandes Poderes e Grandes Navios de Guerra na época, Grandes Caneças-tintero e muito nânquim indiano. O Lord Balfour assinou sua declaração e os sionistas tiveram o compromisso britânico para a formação de um país judaico na Palestina.



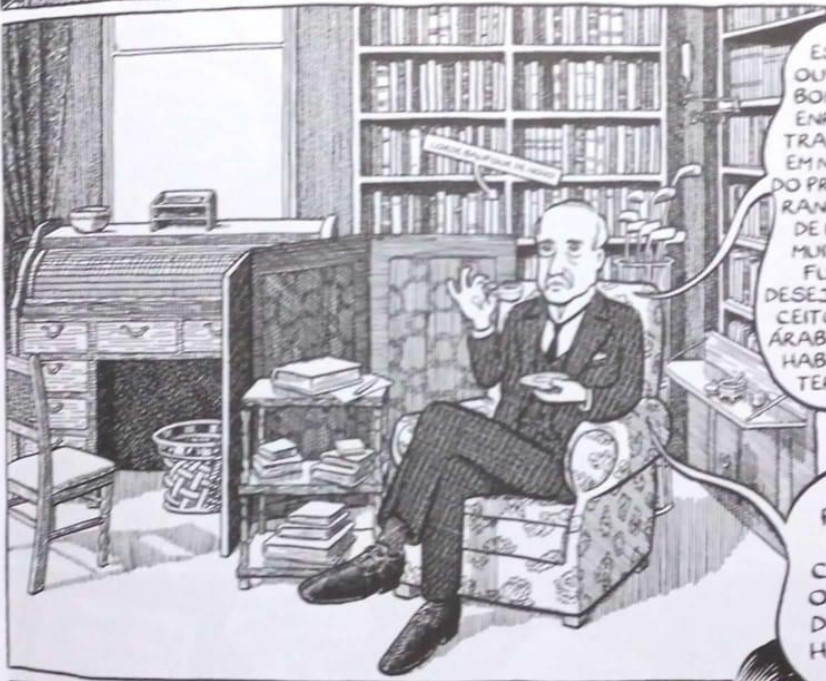
UMA TERRA SEM POVO PARA UM POVO SEM TERRA!



Imagem 3 (p. 12)



MAS AS COISAS não eram tão simples como sugeria esse slogan sionista. Muitos árabes viviam na Palestina. Em 1917 existiam dez árabes para cada judeu na região. Mas você sabe como é a matemática, nem sempre se encaixa na equação:



O SIONISMO, ESTEJA CERTO OU ERRADO, SEJA BOM OU RUIM, ESTÁ ENRAIZADO NUMA TRADIÇÃO MILENAR, EM NECESSIDADES DO PRESENTE E ESPERANÇAS FUTURAS DE IMPORTÂNCIA MUITO MAIS PROFUNDA QUE OS DESEJOS E PRECONCEITOS DE 700 MIL ÁRABES QUE AGORA HABITAM AQUELA TERRA ANTIGA.

E assim:

NÃO NOS PROPOMOS SEQUER A CONSULTAR OS DESEJOS DOS ATUAIS HABITANTES DO PAÍS.



Decisão tomada! Depois disso a História tomou um curso repleto de refugiados... e tem sido cada vez pior para os palestinos desde então, enquanto os israelenses subiram a grandes alturas, quem pode negar?

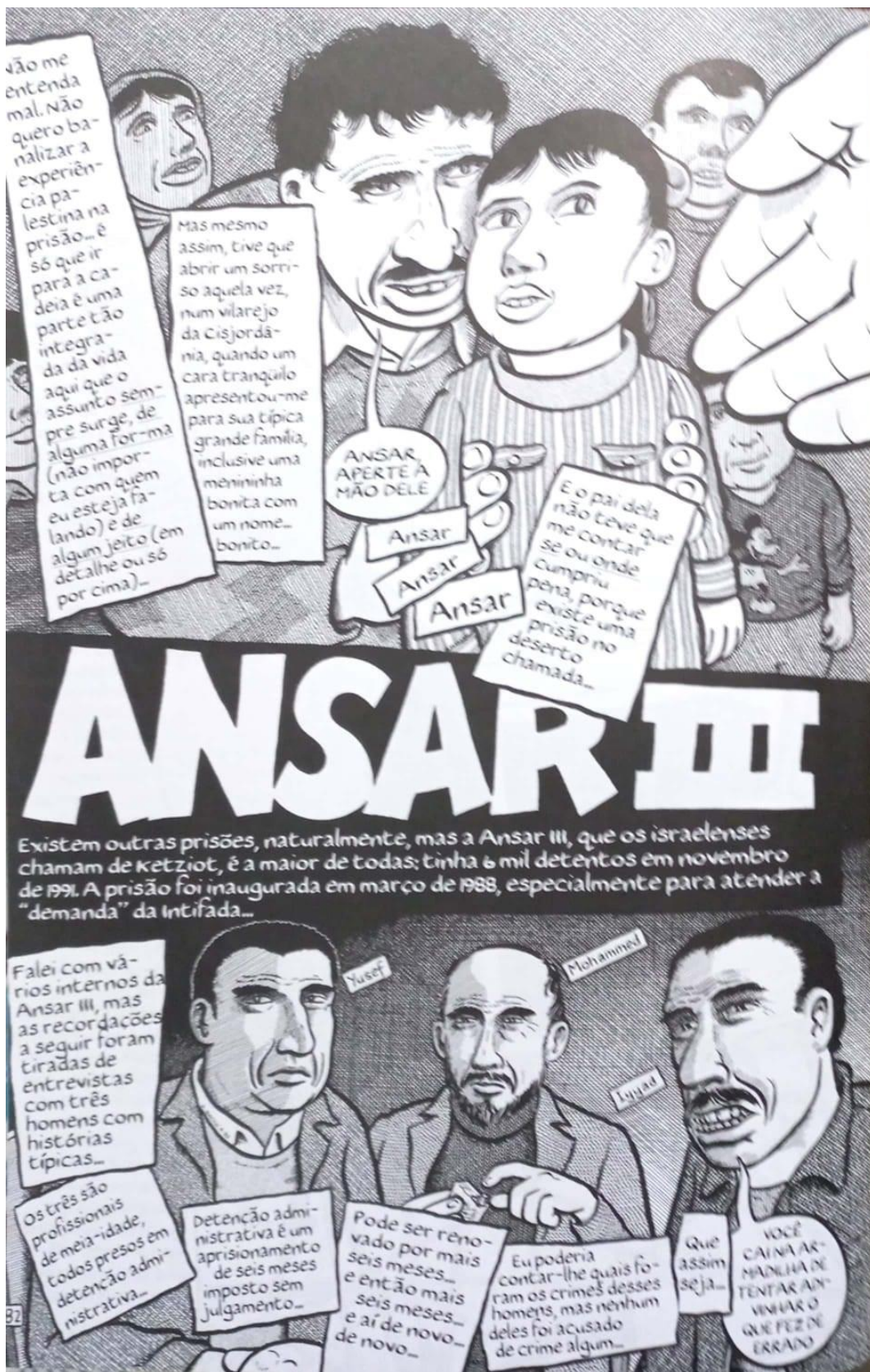


Imagem 4 (p. 82)



Imagem 5 (p. 44-45)



Imagem 6 (detalhe da p. 71)